

MONTANDO O QUEBRA-CABEÇA: DESMONTAGEM E ANÁLISE FÍLMICA; OFICINA COMO PRÁTICA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM SOCIOLOGIA

Juliane Kelm Ramos ¹
Valéria Floriano Machado ²

Resumo

A oficina *Montando o Quebra-Cabeça: Desmontagem e Análise Fílmica* foi desenvolvida como intervenção pedagógica vinculada ao Mestrado Profissional em Sociologia (PROFSOCIO/UFPR), com o objetivo de promover a formação continuada de professores a partir da articulação entre letramento audiovisual e imaginação sociológica. A atividade propôs uma abordagem crítica da linguagem cinematográfica no ensino de Sociologia, utilizando o curta-metragem *Baile* (2019), de Cíntia Domit Bittar, como base para uma leitura técnica e simbólica. A metodologia incluiu a exibição do filme, uma roda de conversa sobre uma cena específica e uma atividade coletiva com *frames* impressos, que orientaram a análise de planos, ângulos, *mise-en-scène* e demais elementos da linguagem fílmica. As interpretações produzidas evidenciaram vínculos entre recursos audiovisuais, experiências subjetivas e reflexões sociológicas, demonstrando o potencial do cinema como dispositivo formativo para a discussão de temas como desigualdade, gênero e pertencimento. O referencial teórico adotado compreende o letramento como prática social crítica e defende a formação docente como espaço de transformação das práticas pedagógicas. Os resultados indicam que a oficina favoreceu o uso sensível e reflexivo do cinema em contextos educativos, apresentando-se como proposta metodológica replicável para programas de formação continuada.

Palavras-chave: Letramento audiovisual; Formação de Professores; Análise Fílmica; Imaginação sociológica.

INTRODUÇÃO

A relação entre cinema e educação configura um campo consolidado de pesquisa, que reconhece o audiovisual como uma linguagem dotada de estrutura e significados próprios (Metz, 1980), capaz de atuar como ferramenta potente para a formação crítica e a ampliação das leituras de mundo no contexto escolar (Fresquet, 2013). Para os fins desta pesquisa, compreendemos o letramento audiovisual como uma competência socialmente mediada, que articula três dimensões interdependentes: (1) o domínio técnico dos códigos cinematográficos (planos, ângulos, montagem); (2) a capacidade de leitura crítica das representações sociais presentes nas produções audiovisuais; e (3) a mobilização da sensibilidade estética na interpretação das narrativas visuais. Essa concepção alinha-se à perspectiva de letramento como prática social proposta por Soares (2009), que enfatiza os usos e os significados sociais da linguagem escrita — aqui estendidos à linguagem audiovisual.

¹ Mestra em Sociologia pelo Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora na Educação Básica no estado do Paraná. Branca. Mulher cis. Residente em Curitiba/PR. E-mail: ramoskelmjuliane@gmail.com

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Professora do Profsocio/UFPR. Branca. Mulher cis. Residente em Curitiba/PR. E-mail: vfloriano@gmail.com

Este artigo, vinculado ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO/UFPR), apresenta os resultados de uma intervenção pedagógica experimental desenvolvida como etapa prática da dissertação "A Sociologia em Cena: Explorando o Letramento Audiovisual na Formação Continuada", defendida em junho de 2025.

A oficina foi idealizada pela autora da pesquisa, em diálogo e coordenação com sua orientadora, a Profª Drª Valéria Floriano Machado, e com o acompanhamento do coorientador, Prof. Dr. Alexandro Dantas Trindade. A intervenção teve como objetivo geral promover o letramento audiovisual de professores de Sociologia por meio da articulação entre análise técnica cinematográfica e imaginação sociológica (Mills, 1969). Como objetivos específicos, buscou-se: (a) desenvolver competências de leitura crítica da linguagem audiovisual; (b) mobilizar conexões entre elementos técnicos do cinema e questões sociológicas; e (c) experimentar metodologias replicáveis para formação continuada docente.

O artigo está estruturado em quatro seções principais, incluindo esta introdução: o referencial teórico, que articula os conceitos de letramento audiovisual como prática social, linguagem cinematográfica, imaginação sociológica e crítica interseccional das representações sociais; a metodologia, que detalha o desenho da intervenção e incorpora a apresentação e análise dos dados coletados durante a oficina; e as considerações finais, que sistematizam as contribuições e apontam perspectivas futuras.

ITENS DA CAPA DO TRABALHO COMPLETO

Juliane Kelm Ramos
Valéria Floriano Machado

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT5: Formação de professores e PROFSOCIO — produção de conhecimento e práticas de ensino de Sociologia na educação básica

MONTANDO O QUEBRA-CABEÇA: DESMONTAGEM E ANÁLISE FÍLMICA; OFICINA COMO PRÁTICA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM SOCIOLOGIA

Curitiba, Paraná

2025

METODOLOGIA

A oficina foi estruturada como atividade de extensão universitária, vinculada à Universidade Federal do Paraná (UFPR), com certificação de 6 horas. Foi desenvolvida com doze professores de Sociologia da educação básica, discentes da turma de 2024 do PROFSOCIO/UFPR, com tempo médio de docência de 14 anos e formação diversificada em Ciências Sociais.

Com base nesse contexto, a oficina foi formulada em três etapas: exibição do curta *Baile* (Bittar, 2019)³ — que retrata a visita de uma criança negra, Andréia, com sua escola à Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (ALESC), revelando tensões simbólicas relacionadas à identidade, pertencimento e estruturas de poder — e seguida de roda de conversa com análise coletiva de cena específica e atividade prática com análise de *frames*, conduzida por meio de perguntas estruturadas que orientaram a leitura técnica e simbólica das imagens.

Os resultados evidenciam que a metodologia proposta favoreceu a apropriação crítica da linguagem cinematográfica pelos participantes, que demonstraram capacidade de articular elementos técnicos do audiovisual com análises sociológicas consistentes sobre desigualdade, pertencimento e estruturas de poder, indicando o potencial formativo da abordagem para contextos de formação continuada. A análise das respostas e das interações evidenciou uma apropriação significativa da linguagem fílmica, indicando que a formação proposta favorece não apenas a ampliação de repertório técnico, mas também a consciência política e sensível sobre os meios audiovisuais.

Conclui-se que a oficina, ao promover o diálogo entre cinema e Sociologia, constitui uma experiência formativa replicável, que articula práticas docentes, leitura crítica de mundo e a valorização do cinema como linguagem complexa e socialmente situada. A contribuição desta pesquisa situa-se na proposição de uma metodologia específica para o desenvolvimento do letramento audiovisual em professores de Sociologia, preenchendo uma lacuna identificada nas formações continuadas promovidas pelo Estado do Paraná, especialmente no que se refere ao uso crítico do cinema em contextos educativos.

³ BAILE (*Summer Ball*). Direção: Cíntia Domit Bittar. Brasil, 2019. 18 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PO_iwPpkL0Q&t=16s. Acesso em: 15 jun. 2025

REFERENCIAL TEÓRICO

A oficina teve início com a apresentação do curta-metragem *Baile* (2019), dirigido por Cíntia Domit Bittar⁴. Após a exibição, os e as participantes foram convidados a expressarem suas reações imediatas à narrativa. As falas revelaram um envolvimento afetivo significativo, com menções frequentes a sentimentos de ternura, identificação e admiração. Vários docentes relataram que determinadas cenas, especialmente aquelas ambientadas na cozinha, despertaram lembranças de suas histórias familiares, reforçando o elo entre memória afetiva e recepção estética.

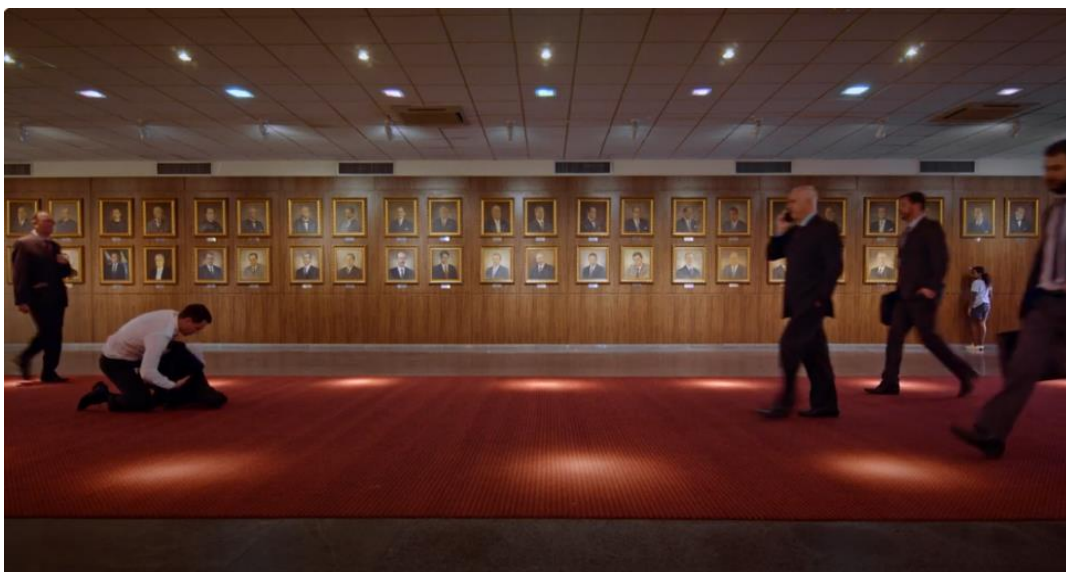
Como etapa seguinte, foi feita a análise conjunta de uma cena específica do curta, localizada entre os minutos 10:30 e 11:01. A escolha por esse fragmento, teve como intenção destacar questões simbólicas relacionadas a gênero e política. No entanto, em vez de explicitar esses temas previamente, a mediação foi conduzida de forma indireta, de modo a permitir que os próprios participantes os identificassem e interpretassem a partir de suas leituras da imagem.

Ao optar por uma mediação indireta, permitindo que os e as participantes identificassem, por si mesmos, questões simbólicas relacionadas a gênero e política, a proposta promoveu uma leitura crítica e contextualizada. Essa escolha se alinha à concepção de letramento como prática social e cultural, defendida por Kleiman (1995), que valoriza o protagonismo do sujeito na produção de sentidos. Soares (2009) reforça essa ideia ao afirmar que o letramento envolve processos interpretativos situados em contextos históricos e sociais.

Assim, a atividade favoreceu reflexões sobre identidade, poder e representação por meio da leitura de diferentes linguagens. A sequência situada entre os minutos 10:30 e 11:01 do curta, retrata o percurso da câmera por uma galeria de ex-presidentes da ALESC, composta exclusivamente por retratos de homens brancos, até o momento em que a personagem Andréa surge sozinha diante das imagens. Com a pergunta “O que vocês estão vendo?”, iniciou-se a discussão coletiva voltada à decodificação crítica dos elementos visuais e sonoros da cena.

⁴ A escolha desse curta foi inspirada na oficina de Adriana Fresquet, intitulada *Um plano de cinema, um plano de aula*, realizada no Festival Internacional de Cinema e Educação, o "Educação", em 25 de setembro de 2024 em Curitiba –PR.

FIGURA 1 – ANDRÉIA NO TAPETE VERMELHO



Fonte: Frame do curta-metragem “Baile” (Bittar, 2019), minuto 11:50.

Durante a análise coletiva, os participantes identificaram elementos técnicos como o *travelling* lento da câmera sobre os retratos, o tapete vermelho e as molduras douradas. Uma participante observou um som semelhante ao tique-taque de um relógio. O grupo interpretou a repetição visual como recurso que simboliza estruturas de poder excludentes

Tais leituras exemplificam o potencial formativo da análise fílmica como ferramenta de decodificação crítica da linguagem cinematográfica, em consonância com a perspectiva de Metz (1980), que entende o cinema como uma linguagem estruturada por códigos específicos e significantes visuais e sonoros. Para o autor, ensinar cinema é também ensinar seus mecanismos expressivos, revelando ao espectador os dispositivos formais que normalmente operam de maneira invisível. Assim, a análise dos elementos técnicos do filme torna-se uma prática metalinguística que contribui para a formação de um olhar crítico, capaz de interpretar os sentidos sociais e simbólicos produzidos pela imagem em movimento.

A figura de Andréia, em contraste com os retratos oficiais, foi entendida como presença disruptiva: ao mesmo tempo em que evidencia a exclusão de corpos negros e femininos, sua atitude diante da galeria sugere resistência e afirmação.

Na segunda exibição da mesma cena, solicitei que os cursistas identificassem elementos anteriormente despercebidos. Após um breve silêncio reflexivo, emergiram novas observações, como a ausência completa de homens negros na galeria, apontada como indício da exclusão institucionalizada ao longo da história política brasileira. Essa percepção reforça a crítica de

Munanga (2004) sobre as formas sutis — e ao mesmo tempo estruturantes — de exclusão racial, que operam tanto pela ausência física quanto pela negação simbólica da presença negra nos espaços públicos e decisórios.

A análise da sequência selecionada acabou por expandir-se para outras passagens do curta. Os participantes notaram, por exemplo, que as personagens femininas são majoritariamente retratadas em ambientes privados, enquanto as figuras masculinas aparecem em espaços de autoridade e decisão. Destacaram a recorrência de cenas domésticas com a mãe, a bisavó e Andréa, contrastando com a visita escolar à ALESC e a passagem pela Praça XV, marcando uma ruptura narrativa entre o espaço íntimo e o espaço público.

Essa transição entre esferas gerou reflexões sobre a divisão sexual do trabalho e a sobrecarga feminina. Comentários como “é sempre a mulher que carrega tudo” sintetizaram a percepção coletiva sobre a desigualdade de gênero. Foi consenso entre os cursistas que a presença de três gerações de mulheres dedicadas ao cuidado e à sobrevivência familiar contrasta com a ausência de figuras femininas em posições de destaque institucional — uma oposição reforçada pela visualidade do filme.

Essa leitura encontra respaldo em Heleieth Saffioti (2015), que analisa como o patriarcado estrutura a organização do trabalho social, naturalizando a associação entre mulheres e os cuidados da vida cotidiana, ao passo que reserva aos homens a esfera do poder público.

A cena em que Andréa caminha pelo tapete vermelho sem ser notada gerou um debate sobre invisibilidade social e discriminação interseccional. As participantes questionaram se uma criança branca, na mesma situação, teria sido igualmente ignorada. Esse questionamento permitiu aprofundar o diálogo sobre o racismo estrutural, tal como discutido por Sueli Carneiro (2005), que identifica na negação do reconhecimento simbólico dos corpos negros um dos fundamentos da exclusão histórica. A imagem da menina que atravessa um espaço institucional sem ser notada evidencia o que Kabengele Munanga (2004) aponta como a persistente marginalização dos sujeitos negros, cuja presença é sistematicamente invisibilizada nos espaços de poder.

Outro momento marcante da análise foi o gesto de Andréa ao inserir sua própria foto entre os retratos dos ex-presidentes. A ação foi interpretada como uma intervenção simbólica, capaz de tensionar as narrativas hegemônicas e propor novas possibilidades de pertencimento e reconhecimento.

O grupo leu o gesto como uma metáfora potente: não apenas uma crítica ao passado, mas um apelo silencioso por um futuro mais equitativo. Esse tipo de leitura ativa o que C.

Wright Mills (1969) chama de imaginação sociológica — a capacidade de conectar experiências individuais a estruturas sociais mais amplas, reconhecendo nesse pequeno gesto um questionamento das hierarquias de representação.

A professora que acompanha a turma também foi foco de atenção. Os cursistas a elogiaram por sua postura engajada, mas também discutiram como sua aparência — mulher de cabelo curto, corpo gordo e vestimenta fora dos padrões estéticos normativos — poderia ser alvo de julgamentos no contexto escolar. A partir disso, compartilharam experiências pessoais sobre saídas pedagógicas e os desafios de garantir o direito ao acesso aos espaços públicos com os estudantes.

A personagem de Andréa foi, então, imaginada em um conselho de classe. Surgiu a hipótese de que, em ambiente escolar, ela talvez fosse taxada como “problemática” por sua postura questionadora. Essa reflexão foi ancorada em cenas do filme nas quais a menina confronta a farmacêutica sobre a retirada da gratuidade de medicamentos e recusa o chiclete oferecido. Para os cursistas, esse comportamento traduzia resistência e criticidade, mas também revelava como a escola tende a silenciar alunos que desafiam normas estabelecidas. Esse olhar crítico encontra afinidade com os princípios do letramento como prática social, defendidos por Angela Kleiman (1995) e Magda Soares (2009), ao evidenciar que ler o mundo — inclusive o mundo escolar — é também interpretar os códigos que regulam comportamentos, discursos e expectativas dentro das instituições.

A cor das roupas de Andréa também foi discutida. Os tons de azul e lilás foram associados à Galeria Lilás⁵, que homenageia mulheres na política catarinense. Os participantes observaram o contraste entre a sobriedade dessa galeria — composta por simples fotografias — e a ostentação dos retratos emoldurados da galeria masculina, destacando a desigualdade de representação nos espaços simbólicos do poder.

Essa comparação evidencia aquilo que Munanga (2004) denomina como desigualdade histórica na legitimação simbólica das trajetórias negras e femininas, mesmo quando há presença formal em espaços públicos.

Ao final do debate, foi explicitado que a escolha da cena havia sido orientada por temas como patriarcado, exclusão simbólica e representatividade. No entanto, toda obra audiovisual é polissêmica, e que múltiplas abordagens podem ser extraídas a depender do olhar que se lança sobre ela — um princípio em consonância com a leitura crítica da linguagem audiovisual,

⁵ A Galeria Lilás foi criada com a finalidade de homenagear e registrar a presença feminina na história política catarinense, destacando as mulheres que atuaram como parlamentares na ALESC. Sua implementação ocorreu a partir do Projeto de Resolução nº 0011/12.

conforme discutido por Adriana Fresquet (2013), ao valorizar a experiência estética como abertura para interpretações plurais e socialmente situadas.

Questionado os cursistas que outros temas poderiam ser explorados pedagogicamente a partir do curta, emergiram sugestões como políticas públicas, relações geracionais, cultura política e assistencialismo.

O encerramento da discussão foi marcado por um comentário irônico de um dos participantes, que, ao lembrar o busto de Antonieta de Barros presente no filme, fez referência a figuras políticas contemporâneas associadas ao negacionismo histórico e à desvalorização do legado de mulheres negras na educação. A fala provocou risos e reforçou o tom crítico da oficina.

Na etapa final da oficina, os participantes foram organizados em duplas e receberam um envelope contendo um frame impresso de outras cenas do curta, acompanhado de um roteiro com perguntas estruturadas. O exercício consistiu na análise da imagem, convidando os integrantes a rever a cena com atenção aos aspectos técnicos e simbólicos que estruturam seu sentido. Embora a proposta mobilize ferramentas da análise fílmica, seu objetivo não foi técnico, mas reflexivo: estimular uma escuta coletiva do *frame*, conforme propõe Adriana Fresquet (2013), para quem o cinema, em contexto educativo, deve ser acolhido como uma linguagem sensível, capaz de abrir espaços de experiência, imaginação e deslocamento com foco na identificação de aspectos técnicos e simbólicos.

A seleção dos *frames* utilizados na atividade final da oficina foi realizada com intencionalidade pedagógica, buscando explorar momentos distintos da cena central previamente discutida em grupo. Essa escolha teve como propósito ampliar a leitura crítica dos educadores, oferecendo novas possibilidades de interpretação estética e sociológica a partir de outros trechos do curta-metragem *Baile* (Bittar, 2019).

FIGURA 2 – FRAME GRUPO 1



Fonte: Frame do curta-metragem “Baile”
(Bittar, 2019), minuto 15:36

FIGURA 3 – FRAME GRUPO 2



Fonte: Frame do curta-metragem “Baile”
(Bittar, 2019), minuto 16:15

FIGURA 4 – FRAME GRUPO 3



Fonte: Frame do curta-metragem “Baile”
(Bittar, 2019), minuto 13:39

FIGURA 5– FRAME GRUPO 4



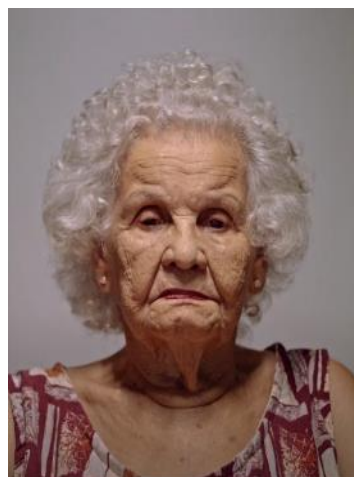
Fonte: Frame do curta-metragem “Baile”
(Bittar, 2019), minuto 04:53

FIGURA 6 – FRAME GRUPO 5



Fonte: Frame do curta-metragem “Baile”
(Bittar, 2019), minuto 00:29.

FIGURA 7 – FRAME GRUPO 6



Fonte: Frame do curta-metragem “Baile”
(Bittar, 2019), minuto 00:16

A escolha dos enquadramentos visou alinhar forma e conteúdo às intencionalidades educativas da proposta. *Close-ups* priorizam a expressão facial, valorizando detalhes afetivos e subjetivos dos personagens. Esses recortes aproximam o espectador das emoções das figuras retratadas, descolando-as momentaneamente de seu entorno narrativo e criando espaço para uma leitura mais intimista. Já os planos médios estabelecem uma relação equilibrada entre personagem e espaço, permitindo observar como o ambiente, enquanto elemento da *mise-en-scène*, também comunica sentidos simbólicos e sociais que atravessam as relações retratadas.

Essa distinção entre tipos de plano encontra respaldo na reflexão de Aumont e Marie (2003), que compreendem o enquadramento como uma operação técnica e expressiva que delimita o campo visível da imagem, atribuindo valores organizacionais e afetivos ao quadro. As perguntas que acompanharam os materiais foram elaboradas para estimular não apenas a percepção técnica, mas também a interpretação simbólica.

Quadro 1- Roteiro de perguntas

Pergunta 1	A câmera está posicionada acima, abaixo ou ao nível dos olhos? Como isso afeta a forma como vocês veem a personagem? Isso faz a personagem parecer mais poderosa, vulnerável, neutra, etc.?
Objetivo 1	Estimular os participantes a refletirem sobre como o ângulo molda as relações de poder e vulnerabilidade no audiovisual. A intenção é que percebam como a escolha técnica comunica significados sociais e emocionais, muitas vezes de forma sutil.
Pergunta 2	Como a personagem está vestida e como estão os objetos e móveis ao seu redor? O que esses elementos nos dizem sobre quem ela é e sobre o lugar onde ela está?
Objetivo 2	Propor uma análise do <i>mise-en-scène</i> utilizando os elementos visuais como pistas para interpretar sua identidade, posição social e o ambiente em que vive.
Pergunta 3	O plano da câmera está distante, médio ou próximo? Como isso afeta a conexão emocional de vocês com as personagens? Faz vocês se sentirem mais próximos/as ou indiferentes a elas?

Objetivo 3	Provocar os participantes a refletirem sobre o plano, mostrando como o cinema manipula essa relação para intensificar ou neutralizar conexões afetivas e narrativas.
Pergunta 4	A personagem parece estar à vontade ou deslocada no ambiente? O que isso pode nos dizer sobre questões sociais?
Objetivo 4	Provocar a análise do <i>mise-en-scène</i> pensando como o ambiente e a interação com o personagem refletem questões de pertencimento ou exclusão social. A intenção é que os participantes percebam as mensagens sociológicas implícitas na composição audiovisual.
Pergunta 5	O que a ausência de som ou a trilha sonora nesta cena transmite? Como o silêncio ou a música afeta a forma com vocês interpretam as emoções dos personagens ou dos espectadores? Peço para ver a cena novamente.
Objetivo 5	Ampliar a percepção dos participantes sobre como o som (ou sua ausência) é um elemento narrativo que intensifica emoções, direciona interpretações e comunica significados, muitas vezes sem que o espectador perceba conscientemente.
Pergunta 6	Quando vocês olham para todos os elementos juntos (<i>mise-en-scène</i> , plano, ângulo, etc.) que emoções a imagem/quadro desperta? Expliquem
Objetivo 6	Incentivar uma abordagem integrada, mostrando como a combinação de elementos técnicos cria significados e emoções no espectador. Essa pergunta visa promover um olhar crítico sobre a complexidade narrativa do cinema.
Pergunta 7	A oficina ajudou vocês a compreenderem melhor a linguagem cinematográfica? Justifiquem.
Objetivo 7	Avaliar o impacto reflexivo e pedagógico da oficina verificando se os participantes foram sensibilizados para a intencionalidade da linguagem audiovisual e sua capacidade de transmitir significados sociológicos.

Fonte: As autoras (2025)

As questões propostas convidavam os participantes a refletir sobre como os elementos da linguagem cinematográfica contribuem para a construção de sentidos. Mais do que buscar respostas objetivas, as provocações acionavam o repertório cultural e a sensibilidade dos professores, promovendo o letramento audiovisual como uma prática interpretativa crítica.

Christian Metz (1980) e Hugo Münsterberg (2018) são referências que reconhecem que a experiência cinematográfica ativa envolve múltiplas camadas que vão além da compreensão racional, incluindo processos inconscientes, afetivos e perceptivos, os quais contribuem significativamente para o efeito emocional e simbólico do cinema. Por isso, a atividade foi pensada para permitir interpretações abertas, onde a relação entre subjetividade e forma se expressa de maneira singular.

A análise das respostas fornecidas pelos seis grupos aponta para recorrências interpretativas associadas à proposta metodológica da oficina. Termos como "pertencimento", "precariedade", "empatia" e "nostalgia" apareceram com frequência, demonstrando que os participantes souberam associar elementos visuais a temas sociais. Comentários como "cenário improvisado reforça a precariedade" ou "o ângulo frontal gera empatia" evidenciam uma leitura sensível da linguagem cinematográfica.

Ainda que os termos técnicos não fossem utilizados de forma sistemática, ficou evidente

o exercício de construção de sentido a partir dos enquadramentos. A observação de que uma personagem "parece cansada como se tirasse uma foto para a lápide" é um exemplo de como o olhar subjetivo e o imaginário dos professores foi mobilizado na análise.

Diálogos com Berger e Luckmann (2004) permitem entender esse processo como uma interação entre realidade objetiva (estrutura da imagem, elementos sociais representados) e realidade subjetiva (experiências, memórias e percepções dos espectadores). A fotografia impressa, como suporte estático, ajudou a fixar o olhar, permitindo aos participantes ver aquilo que muitas vezes passa despercebido na fluidez das imagens em movimento.

A ausência de termos especializados não comprometeu a profundidade das reflexões. Ao contrário, indicou que a oficina conseguiu sensibilizar os participantes para a potência do cinema como linguagem. Como sintetizou um dos grupos, "o filme mexe com aquilo que a gente sente, mesmo quando não sabe explicar por quê". Essa frase resume o objetivo da atividade: fomentar um olhar analítico que não dissocie técnica, sentimentos e sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina *Montando o Quebra-Cabeça: Desmontagem e Análise Fílmica* demonstrou ser uma estratégia metodológica significativa para o desenvolvimento do letramento audiovisual em professores de Sociologia. Ao articular categorias da linguagem cinematográfica com questões sociais e políticas, a atividade propiciou um espaço formativo no qual análise técnica, sensibilidade estética e leitura sociológica se entrelaçaram.

Os dados coletados evidenciam que a mediação, aliada à escolha do curta-metragem *Baile* (Bittar, 2019) favoreceu o engajamento afetivo e reflexivo dos participantes, ampliando sua capacidade de interpretar imagens como construções simbólicas e socialmente situadas. A proposta pedagógica permitiu que os docentes reconhecessem nas escolhas formais do audiovisual — como planos, ângulos, *mise-en-scène* e som —, marcas discursivas que dialogam com temas como pertencimento, exclusão, desigualdade de gênero e racismo estrutural.

A oficina também revelou o valor da imagem estática como dispositivo de fixação do olhar e de ativação da imaginação sociológica, mostrando que o cinema, quando abordado de forma crítica, pode ser tanto meio quanto objeto de formação. Ao receberem os *frames* impressos, os participantes foram instigados a rever as cenas correspondentes no curta-metragem, utilizando seus próprios celulares para localizar os trechos no vídeo. Esse movimento de retorno à obra audiovisual evidencia como a fotografia impressa funcionou não

apenas como ponto de ancoragem da análise, mas como convite à revisão atenta, ampliando a percepção dos elementos técnicos e simbólicos presentes nas sequências selecionadas.

A ausência de domínio técnico especializado não impediu a construção de sentidos profundos; pelo contrário, as análises dos participantes mobilizaram subjetividades, memórias e repertórios culturais que enriqueceram a leitura das cenas e dos contextos sociais nelas inscritos.

Conclui-se, portanto, que o letramento audiovisual, compreendido como prática social e formativa, é um caminho fecundo para a Sociologia, capaz de promover leituras de mundo mais sensíveis, críticas e politicamente engajadas. A experiência aqui relatada reafirma a importância de integrar o cinema ao cotidiano escolar não apenas como recurso ilustrativo, mas como linguagem complexa, com potencial para ampliar a compreensão dos processos sociais e provocar deslocamentos no olhar docente. Como prática replicável e adaptável a diferentes contextos, a oficina configura-se como uma contribuição concreta para a formação continuada de professores.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. Dicionário teórico e crítico de cinema. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Papirus, 2003.

BAILE. Direção: Cíntia Domit Bittar. Brasil, 2019. 1 filme (curta-metragem). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PO_iwPpkL0Q&t=16s. Acesso em: 15 jun. 2025.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FRESQUET, Adriana. Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

METZ, Christian. O significante imaginário: psicanálise e cinema. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 2004.

MÜNSTERBERG, H. A experiência do cinema. In: XAVIER, I. (Org.). A experiência do cinema. 2. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero, patriarcado, violência. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.